



Pe. Beni dos Santos fala sobre a influência do Concílio e da Teologia da Libertação no ensino da teologia. Presentes à mesa: Pe. Manzatto e Mons. Roxo

A INFLUÊNCIA DO VATICANO II E DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NO ENSINO DA TEOLOGIA NESTA FACULDADE

Pe. Dr. Benedicto Bení dos Santos

Em 1926, o bispo luterano Martin Dibelius escreveu um livro denominado *O Século da Igreja*. O século XX seria, conforme afirmou, “o século da Igreja?”.

No término cronológico deste século, podemos dizer com toda a convicção: o século XX foi, de fato, o século da Igreja em todas as denominações do cristianismo. Com relação à Igreja Católica, bastaria recordar a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II. Foi numa perspectiva de advento que João XXIII o inaugurou, no dia 11 de outubro de 1962: ‘O Concílio, que agora começa, surge na Igreja como dia que promete luz mais brilhante. Estamos apenas na aurora, mas já de quanta suavidade não enche nosso coração o primeiro anúncio do dia que nasce’. O Vaticano II apresentou ao mundo a imagem de uma Igreja não voltada para si mesma, mas uma Igreja em relação. Em relação com a Trindade, que é seu mistério, em relação com o mundo, em relação com a missão, em relação com as outras Igrejas cristãs, em relação com as religiões. Uma Igreja em processo de gestação em toda a História da

Salvação. Uma Igreja inserida na história, mas em tensão escatológica. Uma Igreja, ao mesmo tempo, Povo de Deus e Sacramento Universal de Salvação.

O século XX pode ser denominado não só o século da Igreja, mas também o século da teologia ou, mais especificamente, das teologias. A título de exemplo, basta recordar algumas correntes: Teologia Existencial, Teologia da Secularização, Teologia da História, Teologia da Esperança, Teologia Política, Teologia Negra, Teologia da Libertação, Teologia Ecumênica. Todas essas teologias possuem, em seu bojo, um componente eclesiológico. Mas não só. Elas exprimem, também, a vitalidade da Igreja neste século e a sua atuação pastoral em diversos campos. Ainda mais: toda teologia tem, como pano de fundo, uma determinada experiência eclesial.

Cabe tratar, nesta rápida exposição, do seguinte tema: a influência do Vaticano II e da Teologia da Libertação no ensino da Teologia nesta Faculdade. Como pressuposto, quero recordar a natureza específica com relação a qualquer saber simplesmente

te natural. A Teologia tem, como pressuposto, a fé. Ela é a inteligência do dom da fé. O que vale dizer que a Teologia tem, como ponto de partida, a iniciativa de Deus. A fé não é só objeto da Teologia. Ela é componente metodológico. É o ponto de partida metodológico. Sem a fé, não é possível fazer Teologia, ensiná-la e estudá-la. Ainda mais: a razão em si mesma, a razão nua, não é suficiente para a atividade teológica. A razão que reflete sobre o dom da fé é a razão humana envolvida pela graça. A atividade teológica possui, pois, uma dimensão teologal: a abertura pessoal à ação do Espírito, a busca da santidade de vida.

Antes de analisar o tema proposto, penso também que é oportuno ter presente a relação entre a Teologia e a missão da Igreja. Essa relação não é extrínseca, mas intrínseca. Por isso, o teólogo deve admitir, como pressuposto de sua atividade, os artigos da fé professados pela Igreja.

Passemos agora para o objeto específico da exposição: a influência do Vaticano II e da Teologia da Libertação no ensino da Teologia ministrado nesta Faculdade.

Antes do Concílio Ecumênico Vaticano II, o ensino da Teologia, nesta Faculdade, estava baseado na cons-

tituição apostólica *Deus Scientiarum Dominus*, promulgada por Pio XI no dia 24 de maio de 1936. Como a Faculdade estava ainda no início de suas atividades, ela se serviu dos manuais de teologia, elaborados em latim pela Universidade Gregoriana. O conteúdo e o método eram inspirados na teologia de Santo Tomás de Aquino. Durante cerca de doze anos, este método de ensino prestou relevantes benefícios à formação teológica dos alunos, no sentido de apresentar uma visão orgânica e coerente da teologia e no sentido, também, de levar o aluno a adquirir uma mentalidade teológica e uma disciplina intelectual.

À medida, porém, que o Concílio Vaticano II ia promulgando os seus ensinamentos, o ensino da teologia foi sendo reformulado não só com relação ao método, mas também com relação ao conteúdo. Um novo currículo foi elaborado de acordo com a doutrina e o espírito do Concílio e em conformidade com a constituição *Normae Quaedam*, promulgada pela Congregação para a Educação Católica, em 20 de maio de 1968. A recomendação do Concílio, contida no número 16 do decreto *Optatum Totius* serviu de inspiração para o ensino, sobretudo da dogmática: “Disponha-

se a Teologia Dogmática de tal modo que sejam propostos em primeiro lugar os temas bíblicos. Levem-se então ao conhecimento dos estudantes as contribuições que os Padres da Igreja do Ocidente e do Oriente deram para a fiel transmissão e desenvolvimento de cada verdade da Revelação e também para a ulterior história do dogma, considerando-se outrossim com a história geral da Igreja”.

Neste currículo, ficou reforçado o estudo da Sagrada Escritura — alma de toda a teologia. Foi dada uma importância singular ao estudo sistemático da divina Revelação. A antropologia teológica e a dimensão pastoral de toda a teologia ganharam maior espaço. A eclesiologia, sobretudo, tornou-se um tratado com conteúdo riquíssimo, devido ao fato de ter sido o Vaticano II um concílio eclesiológico.

Após o Vaticano II, a Igreja, na América Latina, foi marcada profundamente por um acontecimento: a Segunda Conferência Geral do Episcopado, realizada em Medellín, em 1968. Ela foi aberta pelo Papa Paulo VI. A perspectiva eclesiológica do Vaticano II foi assumida e contextualizada. Em Medellín, surge, pelo menos como momento simbólico, uma nova experiência eclesial: a Igreja dos Pobres. Em sua Radiomensagem de

11 de setembro de 1962, João XXIII havia afirmado: “Frente aos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta tal como é e quer ser; como a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos Pobres” (AAS 54/1962) 682). Em Medellín, surge ainda a imagem de uma Igreja militante, que procura desenvolver determinadas práticas pastorais a fim de que a Boa Nova, que é o anúncio do Evangelho, se torne boa realidade sobretudo para os pobres. Surge, em Medellín, a imagem de uma Igreja profética que procura, a partir do anúncio da Palavra de Deus, fazer uma leitura da realidade para denunciar o pecado e suas conseqüências no plano individual e social e, ao mesmo tempo, indicar o caminho da conversão.

Para sustentar, no plano teórico, esta nova experiência eclesial e suas práticas pastorais, surge também, a partir de Medellín, a Teologia da Libertação. Um teólogo europeu (E. Schillebeeckx) afirmou que a Teologia da Libertação é “o espírito de Medellín materializado numa teologia. A partir de um novo método, a Teologia da Libertação procura repensar, sistematicamente, os principais temas da teologia, sobretudo, a cristologia e a eclesiologia.

Em 1979, logo após a Assembléia de Puebla, que continuou a tradição de Medellin, a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção elaborou um novo currículo, que procurou articular, em nível acadêmico, a contribuição da reflexão teológica latino-americana, denominada Teologia da Libertação.

Hoje, já é possível assumir uma distância que permite analisar criticamente esse período de nossa vida acadêmica. A Teologia da Libertação despertou, em diversos professores e nos alunos, uma criatividade no sentido de elaborar um conteúdo teológico que ultrapassasse os interesses dos círculos meramente eclesiais. Por parte de alguns, houve o esforço para que a teologia servisse como instrumento para o diálogo entre ciência e fé, diálogo não só com a cultura acadêmica, mas também com a popular. Houve, ainda, um esforço para trazer para dentro da reflexão teológica a vivência pastoral de professores e alunos. Foi um período de boa colaboração dos professores para o planejamento, para o confronto dos respectivos programas, para revisão e desenvolvimento interdisciplinar de diversos temas.

Houve também falhas. A principal, a meu ver, foi a tentativa de aplicar, no ensino acadêmico, o método da Teologia da Libertação: mediação sócioanalítica, mediação hermenêutica e mediação prático-pastoral. A aplicação deste método em todos os tratados da teologia era uma tarefa irrealizável para uma teologia que estava em processo de elaboração. Ela sobrecarregou o currículo com disciplinas de ciências sociais. Essa sobrecarga não trouxe quase nenhum resultado prático para a realização da mediação sócio-analítica. Não foram valorizadas convenientemente, neste período, a mediação filosófica e o patrimônio da doutrina social da Igreja.

A teologia, em nível de ensino básico e fundamental, tem como objetivo específico aprofundar e expor sistematicamente a doutrina católica, sobretudo em sua dimensão dogmática e prática (moral e pastoral). Para essa formação teológica fundamental, o melhor método continua sendo aquele apontado pelo Concílio Ecumênico Vaticano II e que citei no início desta exposição. Mas, como visão da teologia, num curso básico, deve ser completa e atualizada. A Faculdade sempre reservou certos espaços (confe-

rências, simpósios, semanas teológicas) para o estudo e aprofundamento de questões emergentes no campo teológico. Creio que esse seria o espaço mais apropriado para conhecer e analisar criticamente as contribuições da Teologia da Libertação.

Termino minha contribuição, citando as palavras de Paulo VI e João Paulo II sobre a tarefa eclesial do teólogo. Paulo VI, na carta dirigida ao reitor da Universidade de Lovaina, escreve: "O múnus do teólogo deve ser exercido para a edificação da comunidade eclesial, a fim de que o Povo de Deus cresça na experiência da

fé". E o atual Papa observa na encíclica *Fides et Ratio*: "Na Igreja, o trabalho teológico está, primariamente, a serviço da fé e da catequese" (n. 99).

Estas palavras dos dois pontífices exprimem aquilo que a Faculdade de Teologia procurou desempenhar nestes cinquenta anos de sua existência.

Pe. Dr. Benedicto Beni dos Santos é Vice-diretor da Pós-graduação na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.